

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Impressão da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO VI—Número 1.630
Quinta-feira, 20 de Março de 1924
PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º, Lisboa—PORTUGAL
TELEFONE—5339-C
Officinas da Imprensa—Rua da Atalaia, 114 e 115

A greve do funcionalismo público
que ontem se iniciou vai intensi-
ficando-se por todo o país

MAIS UM CRIME! A GREVE DO FUNCIONALISMO

O prédio que em Campo de Ourique desabou há
tempo vitimando três operários, voltou ontem a cair

Os "gaioleiros" prosseguem impunemente na sua tarefa criminosa

Quanto a sociedade estiver
em bases de puro egoísmo
o trabalho, em vez de ter
valor, o interesse colectivo,
continua ao serviço de meros in-
teresses individuais, já mais a vida
e liberdade da maioria deixam
de estar constantemente ameaça-

Um cavalheiro que possui um
par de contos manda cons-
truir um prédio que servirá de
moradia para algumas dezenas
de pessoas. Segundo a boa lógica
a razão desse prédio, que é
de utilidade pública, deveria ser
construído com as maiores garan-
tias de segurança para a vida
de quem viesse a habitá-lo. Num
regime de propriedade colectiva,
interesse social prevalecendo so-
bre o interesse individual, o pré-
dio seria bem construído, decerto,
porque o proprietário—uma colecti-
vidade—sentir-se ia lezada se tal
o acontecesse. Num regime de
propriedade privada, como este
que vivemos, dá-se precisa-
mente o contrário. O proprietário
usa apenas em construir do-
mosa, embora mal, para expec-
tar rapidamente, arriscando pou-
co capital, o desgracado inquilino.
As construções dos nossos dias
são frágeis, levando os materiais
indispensáveis para se en-
terarem de pé e para dar ao in-

quilino a ilusão de que habita.
Uma chuva mais forte, um tem-
poral mais rijo lança por terra
um prédio desses—é o egoísmo
do proprietário que desaba sobre
a cabeça do inquilino, é o inte-
resse individual que esmaga o in-
teresse colectivo.

Ontem, em Campo de Ourique,
um prédio que derrocara em Oc-
tubro de 1921 e que estava agora
em reconstrução voltou a tombar
da altura de três andares. Não
houve, desta vez, desastres pes-
soais, por mero acaso.

A primeira derrocada foi trá-
gica e mereceu por parte do ope-
rariado uma formidável manifes-
tação. Recordamos de A Batalha
de 15 de Outubro de 1921, parte
da descrição que fizemos dessa
desgraça que horrorizou Lisboa:

Em Campo de Ourique, numas terras
denominadas do "Sabido", estão em
construção vários prédios que consti-
tuem a rua n.º 3 daquele bairro. Ontem
cerca das 10,45 a gente do sítio foi alar-
mado por um ruído formidável con-
tinuando, pouco depois, que havia abalado
parte do prédio que tem a fachada para
a rua Pereira e Sousa, e uma das paredes
laterais para a referida rua n.º 3.
Efectivamente, a essa hora, quando o
pessoal da obra, constituído por seis
pedreiros, sete carpinteiros e dez ser-
ventes, estava a trabalhar, disseminado
pelos andaimes, construídos com
madeiras delgadas, em mau estado,
foi surpreendido pela derrocada, veri-
ficando-se logo que havia desastres pes-
soais.

Nos escombros foram encontrados
os cadáveres de três operários que re-
colheram à Morgue depois de verifica-
dos os óbitos, desconhecendo se ainda
a sua identidade.
Por esse motivo encontram-se em ex-
posição naquele estabelecimento até se-
rem reconhecidos.

Compare o leitor esse relato com
o que nos chegou ontem à noite
pelo telefone:

Pelas 14 horas, desabou a parte pos-
terior, de uma altura de três andares,
de um prédio em reconstrução na rua
n.º 3, à rua Correia Teles, a Campo de
Ourique.

Esta propriedade, em 14 de Outubro
de 1921, ocasionou algumas mortes: tam-
bém por ter desabado toda uma quinta.
Pelo comando do Corpo de Bombeiros
foi enviado o chefe de secção sr.
Pedroso, ao local, que verificou o ocor-
rido. O comando limitou-se a fazer a
participação para a 4.ª repartição da
Câmara.

O desabamento de 1921 consti-
tuía um verdadeiro atentado contra
a colectividade, vitimando três
operários. O desabamento do on-
tem só por acaso não causou víc-
timas. Entretanto a reincidência
no atentado revolta. E decerto o
proletariado, principalmente da in-
dústria da Construção Civil, vai
mais uma vez erguer a sua voz
protestando contra o crime dos
gaioleiros, rasteiros e egoístas que,
na febre do ganhar moitas, põem
em risco a vida do povo.

A escravatura infantil

Salvemos as crianças da exploração ignóbil do ca-
pitalismo—Preparemos com elas uma sociedade
futura mais bela e mais humana

Somos um espírito revoltado, quan-
do constatamos quadros de miséria so-
cial, num estendal onde os crimes se
montam e medram, sem o menor le-
vante de repugnância, sem a menor
sombra de remorso. Pertencemos à In-
ternacional dos Educadores, essa falan-
ga de rapazes, moça na alma, no san-
gue, nos princípios, ainda no Ideal que
ilha acima das misérias sociais, num
limbo de sonho, numa visão encanta-
dora de poesia e amor. Porque espon-
taneamente traçamos um programa, que
alguma coisa de belo e sublime, su-
perior à podridão dos convencionalis-
mos sociais, urge desbravar e rasgar as
florestas onde pululam animais selvá-
gens, para cultivar uma flora mais com-
passadora, mais fecunda e produtiva;
uma forma mais racional e humanizada
dos princípios que fazem cantar a alma,
trabalhar o sistema nervoso e a alma
de Beethoven. Pertencemos a uma das
missões, a mais simpática para nós,
a do seu objectivo e finalidade social—
a defesa dos direitos da criança.

Por aí fôr a escravatura dos inocen-
tes. Pelas fábricas, pelos campos e ofici-
nas, tenras vergontes, delinquendo ao
trabalho exaustivo, uma atmosfera
pesada, sufocante. Crianças de seis,
sete e oito anos, a quem se fez
desdenhosamente a porta da escola
a quem se abre o portão da fábrica,
quando, quando de enorme bocarra,
se mastigam os inocentes...

E a escola com flores, brancas como a
alma, com um mestre idealista, é só
para os ricos, para aqueles que têm
do, conforto, alegria, bombons e mu-
lheres brinquedos...

Os pobres, como enxuro ou
da sarjeta, aldradas impunemente
na luta do trabalho. Os pobres
sem carinho, sem educação para
a luta da vida humana, que assim
preciso...

E ainda esta sociedade condena bár-
baramente, os homens que são o fruto,
os filhos desta tragédia social, que são
os nossos crimes...

E ainda esta sociedade, que é posi-
tivamente mercantilista no tráfico de in-
ocentes, se pretende orgulhosamente
defensor de civilização...

alma, um fragmento da sua existência
espiritual.
Lutemos que a luta será heroica, re-
nheida, porque nós, simples cabouquei-
ros da civilização e do progresso, temos
sido do nosso lado, a verdade, a razão e
a justiça aliadas à chama da nossa alma;
do outro lado o dinheiro, a tirania, a
chaga social, a força, a violência, a in-
diferença e a indiferença de alguns
proletários, que se deveria juntar a
nós numa cruzada de fervor e de fé.

Mas... nada de desânimos, camara-
das do mesmo ideal!

Foi há poucos dias...
O cristal vaporoso, incandescente,
reflexiva lá dentro do forno, a alta tem-
peratura.

Uma massa tumultuosa de operários
cristalinos em laboração, com o suor
em bica pelo rosto, pelo corpo.

Nos nichos, crianças aparafuzadas, fe-
chando os olhos do cristal, numa tem-
peratura pesada, asfixiante.

Muita ligeireza e agilidade, não vão
sucesso desastres.

E naquela faina constante, naquele
forno, onde o ser humano é também
combustível, o cristal sai cá para fora,
espretingendo-se pastosamente, traba-
lhado por mãos de mestre.

Num dos nichos uma criança de tenra
idade.

Esquelética, magra, pálida, protegida
por uma camisa escurada, por umas
calcetas andrajosas.

—Como te chamas?
—José.

—Quantos anos?
—Eu não sei bem, mas a minha tia
diz que tenho oito.

—Sabes ler?
—Se eu nunca andei na escola...

—E um sorriso amargo, uma penumbra
de tristeza a bailar no rosto da criança.

—Porque não vais à escola?
—Quem me dera, mas se a tia não
deixa... Tenho de trabalhar para comer.

E um dos operários repreende a
criança por se haver descurado em fe-
char o molde do cristal.

Justificamo-la e defendemo-la.
Fítimo o inocente que parecia agra-
decido-nos com o olhar doce e meigo.

Salmas da atmosfera pesada da fá-
brica, deixando aquela labuta que nos
pareceu inferno.

Ca fora, o sol lindo, só dado aos ri-
cos e aos camponeses, espalhava-se pro-
digamente.

Num botiquim discutia-se política...
a política de socialismo.

No largo fronteiriço crianças... tal-
vez ricas de indumentária burguesa, a
jogar o futebol...

E enquanto tudo isto sucede com uma
regularidade espantosa, o tráfico de es-
cravos... substituídos pela infância con-
tinua numa teatralização dramática...

Mas não pode ser, mas... não será...
Não queremos que assim seja!

Marinha Grande, Março de 1924.
Joaquim Gomes BELO

Comissão Central pró-"A Batalha"
Afim de apreciar o valor expedito
e as propostas de uma camaráa ten-
dentes ao desenvolvimento do porta-voz da
organização operária, são convidados a
reunir hoje, pelas 20 horas, todos os
componentes desta Comissão, bem como
os que estejam dispostos a com ela
colaborar decididamente.

Que os amigos de A Batalha não
faltem a esta reunião, pois as resolu-
ções a tomar muito interessam à vida
do proletariado paladino das reivindica-
ções proletárias.

Secretariado Nacional de Assistência
Jurídica e de Solidariedade

O movimento vai estender-se ao Congresso da República, Casa da Moeda e Imprensa Nacional

A greve do funcionalismo mantém-se,
não obstante algumas defecções, revela-
das numa triste debilidade moral.
Entre os "amarelos" contam-se alguns
daquelles "priviligiados" que nunca
compareceram nas repartições mercê dum
imoral favoritismo e que ontem, por
haver greve suspenderam a praxe
permanente em que têm vivido. Não
admira o gesto destes indivíduos que
admiram o Estado e nada fazem, pois está
sugam o Estado e nada fazem, pois está
sugam o Estado e nada fazem, pois está

guns soldados da G. N. R. quiseram
entrar, em atitude agressiva nos depen-
dências dos correios. E bem certo que
onde está a G. N. R. para sempre a
ameaça dum violência e dum desor-
dem.

O governo tem assumido perante a
greve uma atitude antipática e ridícula.
As suas ameaças não conseguem atem-
porar os que conhecem de perto a
situação em que se encontra o
grupo ministerial do sr. Alvaro de Cas-
tro perante o país. Ninguém, a não ser
as forças vivas, apoia, aplaude, simpa-
tiza com o homem que só beneficia as
forças vivas. Entre o sr. Alvaro de Cas-
tro e a maioria da população não exis-
te o menor laço de solidariedade. E
considerado com indiferença—uma in-
diferença feita pelo mais soberano dos
desprezinhos. Quem acredita ou confia no
sr. Alvaro de Castro? Ninguém. Nem a
própria maioria democrática que o
suporta por necessidade partidária.

Quem ouviu uma pessoa, que não
seja banqueiro, assombador mo-
geiros, elogiar este governo, prestes
a sobressair pois os democratas se pre-
param para despedir-lo como se faz a
um lacaio que já não serve?

A vida encareceu por culpa do actual
governo. Sabe bem este governo de
farfantes e de incompetentes que os
consumidores nutrem a maior indignação
contra ele, que deixa em paz os causa-
dores da vida cara. O governo tem sido
pela sua passividade o cúmplice predile-
to e valioso de todos os roubo, que
em matéria de alimentação pública se
tem feito. Se fôr a pôr em prática as
suas ameaças, cai desastrosamente no
meio do ódio e do desprezo colectivos.

O sr. Alvaro de Castro vai mandar
pagar os ordenados aos funcionários
que nunca comparecendo ao serviço, se
prestaram agora a vir trair a greve.
Quanto ao pessoal que se encontra em
greve, o sr. Alvaro de Castro, rilhando
os dentes, ameaça-o com as mais severas
repressões.

Naturalmente demite os mandrões e
persegue os que trabalham. E a apolo-
gia da preguiça e do parasitismo, pois
doutro modo não pode interpretar a
sua promessa de recompensa aos pre-
guiçosos e aos parasitas que foram para
a repartição a fingir que trabalhavam ali-
de trair o movimento.

O sr. Alvaro de Castro quando alu-
diu no parlamento à greve do funciona-
lismo disse que ela tinha sido promo-
vida e orientada por elementos afectos
à organização. Em consequência disso a
greve assumiu para o chefe do governo
o aspecto grave e perigoso dum movi-
mento extremista.

Essas declarações não correspondem
à verdade. O sr. Alvaro de Castro
sabe-o bem. Proferiu-as, porque não
podendo aguentar-se no governo, pro-
cedendo com luzura, recorre a expre-
sões.

Essas afirmações não passaram dum
larca—e dum larca fôr. E o eterno
processo da calúnia. Mas esta arma des-
leal não repugna ao actual governo.
A calúnia se define moralmente um ho-
mem porque não há de delinir moral-
mente um governo?

O que se passou ontem

Em consequência da declaração da
greve do funcionalismo o aspecto das
repartições era ontem muito semelhante
ao dos dias feriados. Os directores ge-
rais e alguns chefes de serviços com-
pareceram em geral nos seus postos!

Ao começo da tarde o ministério da
Justiça encerrou o portão principal,
tendo também fechado o portão de
serviço da direcção geral das alfânde-
gas e da guarda-fiscal. A entrada e a
saída foram livres nos ministérios ex-
cepto no da Guerra onde todos os ci-
vil eram acompanhados às repartições
por soldados da G. N. R. Sómente os
militares fardados se dispensa aque-
le marvitoso acompanhamento.

A Arcada e a entrada dos ministérios
ostentavam grande aparato bélico for-
mado por forças de infantaria da G.
N. R. Vários piquetes de todo o tipo
de G. N. R. circularam todo o dia pelo
Terreiro do Paço. Foi agredido por
um soldado da guarda-republicana
com espingarda um servente dos cor-
reios que vinha a passar em serviço. A
brutal agressão não teve a menor jus-
tificação sendo além de cruel reveladora
duma profunda estupididade por parte do
agressor. Presenciamos esta brutalidade
o tenente Caza da G. N. R. que não
mandou deter o seu subordinado mos-
trando assim concordar com o seu sel-
vático procedimento.

Nessa ocasião ia-se dando um inci-
dente de graves consequências pois al-

guns soldados da G. N. R. quiseram
entrar, em atitude agressiva nos depen-
dências dos correios. E bem certo que
onde está a G. N. R. para sempre a
ameaça dum violência e dum desor-
dem.

O pessoal da Misericórdia de Lisboa
aderiu ao movimento não tendo ome-
comparado ao serviço.

Apenas se apresentaram os funciona-
rios que fazem os pagamentos de sub-
sídios, com intuito humanitário de não
prejudicar os que se encontram em si-
tução alitiva.

O pessoal de várias repartições dos
hospitais civis incluindo as da Direc-
ção Geral dos Hospitais, não compare-
ceu ao serviço.

As outras repartições cujos serviços
estão em contacto com doentes funcio-
naram normalmente.

O Director Geral apesar de doente,
conservou-se no seu posto durante o
dia. O pessoal que se encontra em ac-
tivo serviço só recorrerá à violência,
abandonando os enfermos caso os po-
deres públicos exerçam represálias so-
bre os grévistas.

Uma atitude nobilitante

O sr. Silvério Júnior, 1.º oficial chefe
de secção e chefe interno da 1.ª Repar-
tição do Ensino Primário e Normal, do
ministério da Instrução, enviou ao mi-
nistério sr. Heitor Ribeiro, o seguinte
ofício em resposta à nota enviada às
várias repartições pedindo a relação dos
funcionários grevistas:

Ex.º Sr.

Os funcionários da repartição que in-
terinamente dirijo, arcando com as in-
terinas responsabilidades, mas sem rece-
ber um centavo além dos meus ven-
cimentos de chefe de secção, o que vem
succedendo há aproximadamente nove
anos, os funcionários que faltaram, re-
pito, são os mais dedicados, zelosos e
competentes deste ministério. Dêles te-
nho, como chefe interno da repartição,
obtido uma colaboração efectiva e efí-
caz, não só nos dias úteis, dentro das
horas regulamentares, mas quando o
serviço exige, além disso, e o que é
mais, aos domingos e dias feriados, sem
a menor relutância e sem a mais insi-
gnificante remuneração. Repito: são os
funcionários mais assíduos, pontuais,
dedicados, zelosos de uma lealdade
tanto perfeita que não pode ser excedida.

As reclamações formuladas são legíti-
mas, humanas e justas. Não vivem—
morrem de fome! Um deles, com o ven-
cimento líquido de 531\$00, tem a seu
cargo sete pessoas de família, duas de
elas tuberculosas!

Como chefe desta repartição, encon-
tro-me, pois, numa especialíssima si-
tução perante os aludidos funcionários.
Devo-lhes muito em lealdade, em de-
dicção e em solidariedade.

Termino, portanto, por uma declara-
ção bem republicana, bem consciente e
bem firme.

Se os esclarecimentos pedidos na nota
a que respondo tem por objectivo o
cumprimento da segunda resolução
constante da nota oficiosa hoje publi-
cada no O Século, declaro a V. Ex.ª que
para esse efeito, devo ser considerado
como não tendo comparecido ao ser-
viço.

Cumpra-se essa resolução e, afinal,
há-de verificar-se que os processos dis-
ciplinares são instaurados aos melhores
servidores do Estado, e que ao seu ser-
viço ficam somente, na maioria dos ca-
sos, os que, de há muito, estão sob a
alçada de várias disposições do regula-
mento disciplinar dos funcionários ci-
vils.—Lisboa, 19 de Março de 1924.—
O chefe da 1.ª repartição interno, Sil-
vério Júnior.

Os músicos da Armada

Fomos procurados por uma comissão
de músicos da Armada, que nos garantiu
que não verdadeira a notícia dada
por um jornal da noite, segundo a qual
aquella corporação tinha oferecido os
seus serviços para substituir os fun-
ccionários em greve.

Disseram-nos também que tinham
recebido guia na transacção segunda-feira
para se apresentarem na Majoria Geral
da Armada para fins que ignoram, des-
confiando porém que se relacionem
com a notícia vinda a lume nos jornais
da noite.

Um apelo justo

A Comissão Administrativa do Sin-
dico do Pessoal do Arsenal da Marinha
e Cordoaria Nacional, tendo conheci-
mento que se projecta o deslocamento
de alguns funcionários de escrita do Ar-
senal da Marinha, a fim de traírem o
movimento grevista do funcionalismo
público, incita esses camaradas—parte
integrante da classe que representa—
ao cumprimento do seu dever de soli-
diedade.

Respondendo a um ataque

Camaráa redactor—Por que pela
terceira vez o meu nome ecoou no pa-
lamento, e agora pronunciado pelo dr.

sr. Alvaro de Castro, a propósito de
um telegrama enviado pela Associação
da minha classe, para a sua Delegação
em Braga, que um sr. Sardinha, dos
Correios e Telégrafos, entendeu por
bem mandar ao ministro do interior
para censura, e, forçado a vir a pú-
blico para evitar especulações políticas
com o meu nome.

As primeiras duas vezes, em que o
Parlamento entendeu falar no meu no-
me, foi para me conferir o título, que
não solicitei, de benemérito da Pátria
e da República; a terceira—quem o po-
deria supor?!—para me acusar de re-
volucionário.

O sr. Alvaro de Castro acusou-me,
não sei bem de quê, exibindo cópia de
um telegrama, junto a qual devia estar
um auto de declarações por mim pre-
stadas na policia, que também devia ter
ido para elucidar o Parlamento.

E já velha a usança dos nossos go-
vernanetes em exprimirem com banali-
dades nos momentos que classificam de
graves, por isso não estranho a repe-
tição.

O que de interessante há no referido
telegrama, é coisa para historiar depois
do movimento do funcionalismo.

O sr. Alvaro de Castro enganou-se
nos seus cálculos, e errou a pontaria.—
T. Danton

A atitude dos funcionários
da E. P. L.

Reuniram ontem os funcionários da
Exploração do Porto de Lisboa, tendo
aprovado após alguma discussão uma
moção nos seguintes termos:

«Os funcionários em greve da Admi-
nistração Geral do Porto de Lisboa,

(Continua na 2.ª página)

reconhecendo não estarem em condi-
ções de dispensar aos seus camaradas
dos ministérios o seu apoio material,
conforme o movimento iniciado, resolve
retomar os seus lugares, mantendo
no entanto o seu apoio moral, junto
do funcionalismo em greve, em face de
possíveis represálias que contra o me-
mo possam ser exercidas pelo Governo.

Nota oficiosa do Comité

O Comité, tendo agido sempre em
nome da classe e no interesse desta,
sem nenhum intuito político no seu
movimento, não pode, neste momento,
deixar de dizer—e bem alto—que tanto
ele, como a maioria da classe, é, senão
igual aos maiores republicanos, maior
ainda.

Ela tem-se sacrificado mais do que
ninguém neste país; e, todavia, só ela
está na absoluta miséria. Tratando-se,
pois, de um movimento de classe, com
uma finalidade clara—conseguir viver—
não há necessidade de terminar as suas
proclamações com outros gritos que
não sejam: Viva a greve. Viva o funcio-
nalismo público.

Regista-se com orgulho e entusiasmo
o alastrar do movimento por todo o
país, nomeadamente o Norte.

Aderiram à greve, com abandono dos
lugares, secretários de todos os minis-
térios e serviços exteriores, os hospi-
tales civis de Lisboa, Misericórdia de
Lisboa, Casa da Moeda, Junta de Crédi-
to Público, Exploração do Porto de
Lisboa, Fiscalização dos Caminhos de
Ferro, tendo já dado o seu apoio mor-
al à Imprensa Nacional e o Congresso
da República.

(Continua na 2.ª página)

CRONICA PARA LAMENTAR

Um relato em que se não encontram «blagues» da
nossa lavra—Uma baleia que causa engulhos aos pais
da pátria—Os arrufos entre os monárquicos e nacio-
nalistas, tam amigos anteontem—Assuadas e risotas
monumentais

Quarenta deputados responderam à
chamada, que ontem terminou mais
cedo, a leitura da acta é o primeiro nú-
mero cómico da sessão. Advinha-se que
a companhia está nos seus dias felizes.

O sr. Alberto Cruz, de pé sobre o
altar da presidência, lê a acta com bea-
lidade, como um padre sertanejo leria
um texto bíblico em latim. A sua voz
murmurante tem, de vez em quando,
arrancos de oratória; e esta leitura
desigual, feita por um secretário ereto,
faz lembrar uma lâmpada de azeite
bruxuleando à porta dum campanário.

A um apoiado dum deputado, o atri-
bulado secretário embracça-se, olha tris-
temente, coça a orelha—e, como Judeu
Errante em papel pautado, atravessa a
«via crucis» da leitura até à derradeira
linha.

O sr. Tavares de Carvalho, o maior
humorista da legislação, faz a terceira
série da sua grande fita falada «a careia
da vida».

O sr. ministro da agricultura afirma
solenemente que não está vendido à
Moagem, que nenhum moageiro ainda
não foi parar à cadeia e, finalmente,
que o nosso país está a pedir batata.

A companhia conversa animadamen-
te, satisfeita por não dar espectáculo,
porque, enquanto o governo vai e vem,
folgam as vozes.

Em que os deputados se
mostram exímios con-
versadores de mercados

Apresenta-se um grande embroglio
com a moção aprovada anteontem. Os
nacionalistas e os monárquicos, aliados
na ofensiva contra o governo e os de-
mocráticos, não sabem ocultar o seu
despreito por se verem—comidos. Dera-
m um voto de confiança ao governo sem
darem porisso. Agora, querem con-
vencer que só contra os funcionários seria
possível unanimidade na votação da
confiança ao governo, que não perderá
com a demora se espera pela pancada...

Para passar o tempo, os deputados
brincam às nações. O pomo do grande
conflito europeu, arranjado por estes
asiáticos, é o bolo do padrinho. O sr.
Almeida Ribeiro pede que se aprove
um projecto que concede 15 contos para
a Misericórdia de Santo Tirso. O nacio-
nalista Marques Loureiro não concorda,
porque há mais Misericórdias na terra
e, como o sapateiro de Braga, grita:
—Haja moralidade! Ou comem-tódas,
ou não comem nenhuma!

Depois, há uma verdadeira tourada—
uma tourada mais divertida do que a
do Pai Paulino, em Alga. Distinguidos
lidadores, as glórias desta tarde, são os
srs. Camoços, Lelo, F. Cruz e Loureiro
—e afilhado o sr. Carvalho da Silva,
tão retinamente afilhado que até o
nariz lhe ri.

Camoços oferece um par de banda-

Reuniram ontem os funcionários da
Exploração do Porto de Lisboa, tendo
aprovado após alguma discussão uma
moção nos seguintes termos:

«Os funcionários em greve da Admi-
nistração Geral do Porto de Lisboa,

(Continua na 2.ª página)

reconhecendo não estarem em condi-
ções de dispensar aos seus camaradas
dos ministérios o seu apoio material,
conforme o movimento iniciado, resolve
retomar os seus lugares, mantendo
no entanto o seu apoio moral, junto
do funcionalismo em greve, em face de
possíveis represálias que contra o me-
mo possam ser exercidas pelo Governo.

Nota oficiosa do Comité

O Comité, tendo agido sempre em
nome da classe e no interesse desta,
sem nenhum intuito político no seu
movimento, não pode, neste momento,
deixar de dizer—e bem alto—que tanto
ele, como a maioria da classe, é, senão
igual aos maiores republicanos, maior
ainda.

Ela tem-se sacrificado mais do que
ninguém neste país; e, todavia, só ela
está na absoluta miséria. Tratando-se,
pois, de um movimento de classe, com
uma finalidade clara—conseguir viver—
não há necessidade de terminar as suas
proclamações com outros gritos que
não sejam: Viva a greve. Viva o funcio-
nalismo público.

Regista-se com orgulho e entusiasmo
o alastrar do movimento por todo o
país, nomeadamente o Norte.

Aderiram à greve, com abandono dos
lugares, secretários de todos os minis-
térios e serviços exteriores, os hospi-
tales civis de Lisboa, Misericórdia de
Lisboa, Casa da Moeda, Junta de Crédi-
to Público, Exploração do Porto de
Lisboa, Fiscalização dos Caminhos de
Ferro, tendo já dado o seu apoio mor-
al à Imprensa Nacional e o Congresso
da República.

(Continua na 2.ª página)

EDEN-TEATRO — Quarta feira, 26

Companhia Granieri-Marchetti-Tabassi

OPERA CÔMICA E OPERETA
Reportório Colossal

tam formidáveis gargalhadas. A assuada assume o apogeu:
— Ah! ah! ah!
— Eh! eh! eh!
— Uh! uh! uh!
— Uh! uh! uh!

As tampas das carteiras rufam alogres, enquanto o democrático berra como um possessor:
— Quero a contra-prova, quero a contra-prova! A contra-prova, sr. presidente.

— Vai proceder-se à contra-prova — grita o presidente.
Soa o carrilhão. A campanha nos Passos Perdidos era também. Os contínuos correm, semem-se, em busca de deputados. E o sr. Carvalho da Silva, ardendo de officio, ri-se como Satanaz no paraíso.

Os deputados entram em bicha, recordando certo réclame do Zé-Clemente estampado em folhas de Flandres. Este réclame foi em tempos muito admirado pelos papás da nova geração.

Por fim, o requerimento é aprovado por maioria. Os nacionalistas, fortes no apoio dos monárquicos, veem tirar a desforra. E que soberba desforra!

Os monárquicos esfarrapam um tratado de aliança

Depois da votação, os deputados saem à bicha, desaparecem, como uma procissão de heróis, sob os mantos vermelhos que cobrem as portas.

E Baltazar, o soberano Baltazar, passa no seu jardim.

O nacionalista Alberto Jordão inicia a desforra com o requerimento para que seja imediatamente discutido um projecto seu que cria uma assembleia eleitoral em São Pedro Martir.

Os monárquicos rompem logo:
— E' aproveitável é aproveitável!
— O governo que se agüente com os funcionários!

— Isso é que é a moralidade do sapateiro de Bragal.

— Ou com todos...
— Ou não com nenhum...
— Com todos a bacia. Há postas para todos!

— Não, que a bacia foi para a maioria.

— Para a maioria, que a pescaram aos amigos de Peniche.

Faz-se um súbito silêncio. O que há? Os nacionalistas estão realizando o movimento de junção aos democráticos. Esta manobra irrita os monárquicos:

— Olha, olha... Os nacionalistas vendidos aos democráticos — grita o sr. Carvalho da Silva.

— Vendidos à Mosagem — contesta o sr. Canele de Abreu.

— Vai proceder-se à votação! berra o presidente. Soa de novo o carrilhão, a campulha toca nos Passos Perdidos, entram deputados — e não há número. Procedem-se à chamada — e verifica-se haver número.

— Vejam o milagre de São Pedro Martir — expusera o sr. Carvalho da Silva o seu despeito contra os nacionalistas. — O milagre da multiplicação de votos.

— Estão de acordo — gargalha o sr. Canele de Abreu.

O nacionalista Maldonado de Freitas, herói registado nas Caldas da Rainha, alarma toda a gente:

— O país já não acredita em nós! O país desconfia da Parlameto!

E Canele de Abreu solta o melhor comentário da tarde:

— Quem é que toma a sério este Parlamento? Rua, rua!

Festas associativas

Pessoal dos Telefones

Como noticiámos, realizou-se no domingo a inauguração da bandeira da Associação de Classe dos Empregados da Companhia dos Telefones, com enorme concorrência de associados, predominando o elemento feminino da classe.

A sessão solene presidiu João Ferreira, delegado do Sindicato dos Estiladores, secretariando a telefonista Beatriz Soares e Cristiano Farinha.

A bandeira foi descoberta pelas telefonistas Olga Nais e Isabel Mendes, sendo padrinhos os delegados das Associações dos Caixeiros e do Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos, ouvindo-se uma prolongada salva de palmas e vivas à C. G. T., à Batalha e todos os organismos operários quando appareceu a bandeira.

A seguir falou o dr. sr. Carneiro de Moura, que se referiu ao acto e fez ver aos assistentes a conveniência que todos temem em se organizarem nos seus sindicatos, alargando-se em considerações de ordem social.

Falaram depois Manuel da Silva Campos, delegado da C. G. T.; Manuel Gonçalves Vidal e Jacinto Rufino, do S. U. Metálgico; Vitor Hugo Vital, do P. M. dos C. e Telégrafos; José F. dos Santos, do P. do A. de Marinha; Jaime Tiago, dos Litógrafos; Francisco Rodrigues Loureiro e Dário Nôvo, dos Caixeiros de Lisboa; Manuel Nunes, do S. U. Mobilário; Manuel Augusto, dos Condutores de Carroças; João Sarmiento Dias, dos Compositores Tipográficos; Alfredo Cruz, do F. do C. do Comércio; Luis Cruz, do P. dos F. do Porto; Dionísio Ataíde e José Augusto Assis, do P. dos T. de Lisboa.

Quando as 7 crianças, vestidas a expensas do cofre social, entraram na sala, a assistência interrompeu numa prolongada salva de palmas.

As meninas telefonistas da Central e do Norte, que entre si abriram uma jactância, ofereceram às crianças um doce lanche e um sobrescrito com 4\$00.

Durante a festa tocaram um grupo da Sociedade Alunos de Apolo e a Troupe de Bandelhaistas «Os Fixes», da Cruz da Pedra.

Aos delegados e músicos foi servido um copo de água.

A festa decorreu sempre no meio de grande euforismo.

NO PORTO

PELO TELEFONE

O caso Manuel Claro
PORTO, 19. — Foi adiado para 5 de Maio o julgamento do chauffeur Manuel Augusto Claro, acusado do rapto de D. Maria Adelaide.

Um violento incêndio
Ontem de madrugada declarou-se um violento incêndio em 2 prédios fronteiros à estação de Vila Real, propriedade do chefe da estação e de um comerciante. Os prejuízos são avaliados em 150.000\$00, estando cobertos pelas companhias seguradoras apenas em 55.000\$.

Roubo ilegal
Foi preso Adelino da Mota, rua de São Vitor, por furtar 5 peças de pano no valor de 1.250\$00 à firma Garrido & C.ª.

A Estudantina de Madrid
Parte amanhã para Madrid, a Estudantina daquela cidade, que entre nós deu algumas audições de música.

Tentativa de burla
Fôram presos os burlistas José da Mota e José Dias Rodrigues por tentarem burlar Daniel de Carvalho, hospedado no Hotel Luzo-Brasileiro.

Reuniões operárias
Para apreciar as reclamações a apresentar aos industriais reúnem hoje na sede do Sindicato Metálgico os operários da especialidade de fechaduras.

Vida Sindical

C. G. T.

SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA JURÍDICA E SOLIDARIEDADE

Reúne hoje, a sub-comissão de assistência jurídica, para tratar de um assunto de máxima urgência.

CONVOCAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal. — Reúne amanhã, pelas 20 horas, a comissão ultimamente nomeada pelo Conselho Federal.

Compositores tipográficos. — Reúne hoje, pelas 17,30, a direcção deste sindicato.

Federação Metálgica. — Reúne hoje, pelas 21 horas, o conselho federal.

Comércio dos Empregados no Comércio. — Para tratar de assuntos de muita importância, reúne hoje, pelas 21 horas, o conselho geral do Sul.

Pessoal do Depósito Central de Fardamentos. — Reúne a assembleia geral hoje, pelas 17,30 horas, na sede sindical, rua Josefa de Obidos, 20, cave, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.ª — Apreciação de um alvitre da direcção sobre cobrança de cotas e resolver sobre o pedido de demissão de um componente da comissão official.

2.ª — Apresentação e discussão de novas tabelas de aumento de vencimento.

S. U. da Construção Civil. — Conselho Técnico. — Reúne hoje, pelas 20 horas, o Conselho Fiscal. Deverá reunir também hoje, à mesma hora os camaradas estudantes delegados a este organismo, para tratar de um trabalho de urgência.

Sindicato Unico Metálgico. — São convocados a reunirem hoje às 19 horas, todos os membros da comissão de melhoramentos.

— Por não ter concluído ontem os seus trabalhos, reúne hoje às 20 horas esta comissão administrativa com a competência dos vogais.

Secção do Alto do Pina. — Para tratar assunto muito importante e que diz respeito à situação e desenvolvimento da Secção, reúne amanhã a comissão Administrativa em conjunto com dois membros dos corpos gerentes da Central.

Secção de Pedreiros. — Todos os operários sem trabalho, inscritos nesta secção devem comparecer hoje, pelas 15 horas, para se examinar a sua situação. A inscrição faz-se todos os dias, às 20 horas.

Manipuladores de pão. — São convocados a reunir hoje, pelas 13 horas, todos os corpos gerentes para se resolver sobre a resposta a dar a um officio enviado pelo sr. governador civil a este sindicato e que é do teor seguinte:

«Queiram apresentar neste gabinete até o dia 21, sexta-feira, quais são os salários que actualmente ganham os manipuladores de pão e bem assim as horas que os mesmos trabalham.

Que ninguém falte, visto o assunto ser da máxima urgência e importância.

Doscarregadores de Mar e Terra. — Para se resolver assuntos do maior interesse para a classe são convocados a reunir hoje, às 20 horas, todos os componentes da direcção e da comissão de aumento de salário da secção da sacaria.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Corticeiros de Almada. — A fim de apreciar a situação económica dos componentes deste organismo e outros assuntos importantes, reúne a classe corticeira hoje, pelas 17 horas.

União dos Sindicatos Operários de Setúbal. — Reúne o conselho de delegados, que tratou da situação de A Voz Sindical, sendo resolvido convidar João Maria Major para exercer o cargo de redactor principal, que já desempenhava.

Sobre a Comuna de Paris falaram José Quaresma, António Casimiro e Pratas, ferroviários.

A greve do funcionalismo

(Continuação da 1.ª página)

Uma saudação e um apoio

A classe dos operários alfaiates reunida ontem, aprovou uma moção com as seguintes conclusões:

1.ª Saudar o funcionalismo em greve pelo seu altivo gesto em prol do aumento de vencimentos.

2.ª Saudar ainda a mesma classe em greve par, pela segunda vez, ter adoptado os mesmos processos usados até aqui só pelas classes chamadas manuais.

3.ª Dar todo o apoio moral a esta classe, augurando-lhe a vitória completa das suas reclamações.

4.ª Protestar desde já, contra todas as perseguições de que venha a ser vítima.

Em Santarém

Cs funcionários daquela cidade resolveram aderir ao movimento

SANTAREM, 19. — C. — Numa das salas do Grémio Literário, Guilherme de Azevedo, reuniu-se, ontem, o funcionalismo público, sob a presidência do funcionário sr. Cardoso, secretario da

pos sr. Américo Passos e José Neves. Após a abertura da sessão é concedida a palavra ao sr. António Cunha que lê uma extensa moção-proposta, onde alude à situação actual da sua classe, que ao movimento actual do funcionalismo, ao movimento de melhoramentos e de reclamação de melhoramentos, e defende a imprescindível necessidade de organização associativa de todo o funcionalismo, pois que só unido na sua associação é que conseguirá sair vitorioso de todas as lutas reivindicatórias.

Nessa moção clama também a conveniência de constituir-se uma comissão para actuar localmente e estar em comunicação directa com o comité central. Posta à discussão esta moção, usa da palavra o sr. Augusto Teixeira Barbosa que se declara identificado com a doutrina da moção afirmando-se partidário da organização colectiva, a qual defenderá sempre acendradamente, embora na sua classe existam criaturas que pela sua avançada idade e preconceitos a atacam à «outranceira».

Entende que os reuniões dentro dum baluarte, que se chama Associação, poderão vingar os interesses da classe. Mais alguns oradores desenvolvem considerações, sendo aprovada por unanimidade a constituição duma grande comissão em que ficarão representadas as várias repartições do Estado. Essa comissão ficará composta pelos srs. Augusto Teixeira Barbosa, António Cunha, Henrique Campos, Bartolomeu da Costa, Constantino Carreira, Joaquim Alves Silva, Américo Passos e Alfredo Soares.

Este último observou que tem exercido o cargo de delegado da Associação, e que, embora ainda não lhe concedessem a demissão por ele pedida várias vezes, demissão que tem instado por ela por motivo do jornal da classe não ter publicado uns escritos seus em referência à classe, apesar disto trabalhará com o mesmo animo e colaborará em tudo que seja para interesse colectivo.

Com notório aplauso da assembleia, foi por unanimidade deliberado apoiar e dar a adesão moral e material ao comité no que respeita à defesa dos interesses do funcionalismo.

Também foi aprovado que esta resolução se comunicasse telegraficamente ao comité.

Volta a falar o sr. Alfredo Soares que afirma estar convencido de que toda a sua classe, como ele, repudiaria a insinuação que ele prevê nas entrelinhas duma entrevista concedida há dias a um jornal pelo ministro da Guerra, donde deduz que o ministro passa à classe um diploma de incompetência, e que esta pretende disputar a exhibição de galões à semelhança dos militares.

Repele energicamente o menespro do ministro e diz que a sua classe sómente reclama melhoria de situação económica. Quanto à incompetência declara que se ela se encontrasse nalgum funcionário, seria naquelles que as revoluções políticas, apadrinhadamente, tem metido dentro dos serviços do Estado.

Por fim fala o sr. Barbosa que exalta de novo o principio da Associação, apelando para que nela se inscrevam como associados os que ali se encontram e que ainda o não tenham feito. A assembleia correspondeu expondoamente a este apelo tendo-se filiado na Associação muitos funcionários. A sessão foi encerrada entre vivo entusiasmo.

A direcção da Associação dos Empregados no Comércio pôz à disposição do funcionalismo público as suas salas para futuras reuniões que venham a realizar. — C.

SECÇÃO TELEGRAFICA

C. G. T.

Mineiros de Aljustrel. — O delegado recebeu carta e vai responder.

Empregados no Comércio do Olhão. — Seguiu já o requerimento. Pedimos atenção para o officio que vai junto, assim como a indicação do advogado.

Federações

CONSTRUÇÃO CIVIL

António Inácio Martins. — O officio a que fazes referência, chegou atrasado.

Coluna esperantista

«Nova Voz». — Sociedade Esperantista Operária. — Depois de curta interrupção, para reorganização dos cursos mantidos por esta sociedade, na sua sede, rua do Mundo, 81, 2.ª, recomeça hoje, quinta-feira o curso dirigido por Adolfo Trémouille, devendo comparecer todos os antigos alunos.

Coliseu dos Recreios

HOJE — 2 sensacionais espectáculos 2 — HOJE

A's 15 horas (3 da tarde) A's 21 horas (9 da noite)

Grandiosa matinée Surpreendente soirée

Os mais interessantes e extraordinários trabalhos da

Nova Companhia de Circo

2 engraçadas e divertidas parolhas de palhaço 2

ALEGRIA RISO PRAZER

Não se afixam cartazes nas ruas

APOLLO

Concorrência e entusiasmo

Fruto Proibido

Fados à guitarra por Adeline Fernandes. Numerosos papéis por Elisa Santos. Agrado absoluto da Companhia OTELO DE CARVALHO AMANHÃ:

Estreia de LAURA COSTA em NÚMEROS NOVOS

5 A Mouraria, Pobreza envergada, Lavadeira de Canções, Último grito e Cartaz reclame. Estão suspensas, rigorosamente, as entradas de favor. — Não se afixam cartazes

Teatros & CINEMAS

Festas artísticas

No Apolo vão realizar-se as seguintes festas: a 27, ao actor Joaquim Prata; a 28, a de Aurélio Ribeiro; a 29, a de fiscal Oliveira do Avenida Parque. Todos estes espectáculos são com a revista «Fruto proibido», ampliada com várias atrações.

Noticias

A companhia italiana Granieri-Marchetti-Tabassi, que se estreia na próxima quarta-feira, no Eden, traz no seu repertório as mais modernas operetas, que serão exibidas, segundo nos informam, com magníficos scenários e requisições guardar-roupa. A assinatura para 8 das suas representações, incluindo a da estreia, já está aberta no camaroteiro do Eden.

Estreia-se amanhã, no Apolo, a actriz Laura Costa que na revista «Fruto proibido» desempenhará 5 números novos intitulados «Problema envergada», «A mouraria», «A lavadeira de Canções», «O último grito» e «Cartaz reclame».

A companhia Lucília Simões-Erico Braga deve dar a sua récita de despedida, no S. da Bandeira, do Porto, a 28 do corrente, seguindo depois para Braga, Fafe, Figueira e Coimbra, devendo chegar a Lisboa a 15 ou 16 de Abril próximo. Aparece em São Carlos na noite de 19, inaugurando a temporada de primavera com a peça «A Vinha do Secho».

RECLAMES

Repete-se hoje no Nacional a peça de Brieux «Simon», que tem agradado muito. Brevemente será fixada a data da representação da peça «Ingleses» original de Lorjô Tavares que terá a sua «première» em 3.ª récita de assinatura, acompanhada doura peça «Irmã Cruz de Guerra», original de Carlos Alberto Ferreira.

No Apolo está obtendo enorme êxito a genial actriz Adeline Fernandes, que, na revista «Fruto proibido», além de desempenhar vários papéis, se faz ouvir, também, nos seus lindos e belos cantos, com todo o sentimento.

Hoje volta a apresentar-se na famosa revista que é um grandioso êxito da companhia Otelio de Carvalho e na qual Elisa Santos, Júlia de Assunção, Filomena Casado, Carmen Martins, Prata, Artur Rodrigues e mais artistas tem a seu cargo preciosos personagens.

Hoje realizam-se no Coliseu dos Recreios dois magníficos e sensacionais espectáculos, em matinée e à noite, com um programa surpreendente em que entram todas as celebridades artísticas da nova companhia de circo que executam os seus melhores e mais variados trabalhos, executando também os célebres clowns drômas Ferron e Navas e Oerme os mais novos, originais e engraçados «intermédios cómicos».

Repete-se esta noite no Politeama, a comédia «Greve geral», que tem sido a peça mais concorrida desde o início da temporada, merecendo do seu público curiosissimo e da graça que em cada dito surge, para provocar a gargalhada mais franca e espontânea. É claro que a «Greve geral» continua em despedida.

CARTAZ

S. CARLOS — A's 21 — «Trovidora».

NACIONAL — A's 21 — «Simon».

S. LUIS — A's 21 — «Sonho de valsa».

TRINDADE — A's 21 — «A prisão».

POLITEAMA — A's 21 — «A greve geral».

APOLLO — A's 21, 15 — «Fruto Proibido».

AVENIDA — A's 21, 33 — «O Povo do Bispo».

EDEN — A's 21 — «Não há espectáculo».

MARIA VICTORIA — Não há espectáculo.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Grande companhia de circo.

GIL VICENTE — A's 21 — «Amor engraçado».

OLIMPIA — A's 20, 30 — Animatôgrafo.

SALAO FOZ — A's 14, 33 e 20, 33 — Variedades.

CHADO TERRASSE — A's 14, 33 e 20, 33 — Variedades.

CONDES (Avenida) — Animatôgrafo.

CENTRAL (Avenida) — Animatôgrafo.

CINE-PARIS (Rua Pereira Borges) — Animatôgrafo.

IDEAL (Largo) — Animatôgrafo.

ROSSIO (Arco Blandino) — Animatôgrafo.

CHATEAU (Praça dos Restauradores) — Animatôgrafo.

MARIA VICTORIA (Praça dos Restauradores) — Animatôgrafo.

PROMOTORA (Largo do Calvário) — Animatôgrafo.

EDEN-CINEMA (Rua do Alívio) — Animatôgrafo.

Teatro Nacional

HOJE

Simone

HOJE

Por estes dias

sobem à scena as peças

OS INGLEZES

de Lorjô Tavares

A Irmã CRUZ DE GUERRA

de Castro Ferreira

Ultimas notícias

UM GRANDE DESASTRE

Abateu um prédio, em Campolide, de 4 andares, havendo mortos e feridos

A's 4 horas da madrugada informam-nos que abateu um prédio de 4 andares, na Travessa do Taruja a Campolide.

Dos escombros, onde os bombeiros estão trabalhando, já foi retirado um cadáver, havendo para cima de 30 pessoas feridas.

O prédio era todo habitado.

FERROVIÁRIOS DO ESTADO

Uma entusiastica assembleia no Barreiro — Pulverizam-se os manejos dos divisionistas

BARREIRO, 19. — Com grande concorrência reuniu a assembleia dos ferroviários do Sul e Sueste. Presidiu o camarada Miguel Corrêa, secretario por Rosa Júnior e Adão Marcelino da Costa.

António Piloto, em nome da comissão de «adjuvantes», expoz os trabalhos realizados junto do ministro do comércio e da Administração Geral dos Caminhos de Ferro do Estado. Lembrou em seguida a ordem n.º 12, que estabelece os novos aumentos de pessoal. Este assunto foi largamente discutido por vários oradores que não concordaram com a maneira como esses aumentos foram feitos, em virtude de não corresponderem às necessidades económicas em que actualmente se debatem os ferroviários.

Em seguida foi, por unanimidade, aprovada uma moção que conclui por aceitar temporariamente os aumentos constantes da ordem n.º 12, depois de absolutamente garantido o seu pagamento desde 1.º de Janeiro; e que sem prejuizo dos abonos immediatos referidos aumentos, seja pedida pela comissão a rectificação dos ordenados fixos das categorias que, por lapso, não foram convenientemente rectificadas, como a justiça exigia, ficando ao justo critério da Comissão Administrativa do Sindicato a indicação das categorias que devem, por razões de ordem lógica, ser atingidas por essas rectificações; e manter uma atitude de expectativa até serem completados todos os abonos.

Falou Adriano Monteiro, do Minho e Douro, que foi recebido pela assembleia com uma estrondosa manifestação aos ferroviários daquellas linhas.

A assembleia decorreu sempre no meio de grande entusiasmo.

Nota officiosa

Tendo alguns jornais dado a publicidade uma nota em que se invoca o nome da classe ferroviária do Sul e Sueste, a propósito duma reunião que um grupo de individuos levou a efeito no Centro Alexandre Braga, em Lisboa, no passado domingo, fazendo-se nessa nota afirmações contrárias ao brio e à dignidade duma classe, com a agravante de se envolver o nome do ministro do Comércio numa questão que só tem sido tratada pelos directos e únicos representantes dos ferroviários do Estado, atribuído ao dr. Nuno Simões de Azevedo, e elogios que o mesmo não produziu, este Sindicato, como único organismo de representação colectiva da classe ferroviária do Sul e Sueste, desmente categoricamente o que se contém na nota publicada pelos jornais do dia 17 do corrente e declara que o autor de tal documento está explorando a credulidade do publico, abusando da imprensa e usando duma representação que lhe não confiam, para satisfação dos seus intuitos meramente pessoais.

Ao que nessa nota se afirmou, contrapõe este Sindicato, em nome da classe que legitimamente representa, mais o seguinte:

1.ª — A reunião efectuada no Centro Alexandre Braga no dia 16 de corrente,

não foi da classe ferroviária do Sul e Sueste, mas unicamente dum reduzido numero de individuos que a classe rejeita e que falam em nome dum organismo que a mesma classe não reconhece e que visa a fins de comprovada especulação politica em favor dos interesses pessoais dum individuo.

2.ª — Na referida reunião nada foi decidido pelos individuos que nela tomaram parte, sobre a sua permanência ou não ao serviço em caso de greve.

3.ª — Até àquella data nenhuma outra comissão, além da comissão de «adjuvantes» dos Ferroviários do Estado, composta por delegados deste Sindicato da União Ferroviária, se avistou e conferenciou com o ministro do Comércio, não tendo o dr. Nuno Simões feito elogio algum a organismos ferroviários ou a comissões, limitando a acção ministerial ao estudo e solução das reclamações apresentadas pela classe.

4.ª — Em consequência da incompatibilidade existente entre a classe e o Plano Silva, pela attitude por este tomado quando director do Sul e Sueste, não podem os ferroviários desta linha aceitar como boa uma recomendação desse sr. no referido lugar de rector, sem quebra da sua dignidade, motivos porque a classe se oporia aos meios no seu alcance a qualquer tentativa que se produza nesse sentido, pensando e defendendo critério contra os individuos que desse sr. recebem benefícios e favores, como políticos e como director, em especial o abusivo quanto ali se afirma a este respeito.

5.ª — Como as reclamações em nome do governo e da Administração Geral estão sendo tratadas pelos delegados desta Sindicato e da União Ferroviária em nome das assembleias magnas da classe, a cujas resoluções a mesma classe, tomando parte nessas assembleias não só os ferroviários sindicados, mas todos os ferroviários do Sul e Sueste visto que as mesmas são de carácter magno e realizam-se na Casa dos Ferroviários, não se estabelecendo restrições para ninguém, todas as notícias e contrários carecem de fundamento e constituem uma pura fantasia, de gravidade, quando, como agora, se atribui ao ministro do comércio attitude que a mesma entidade não tomou e que a mesma entidade não profere. — A Comissão Executiva do Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste.

A questão das carnes

Na sessão da Comissão Executiva da Câmara Municipal, ontem realizada, foi aprovada por unanimidade a proposta do sr. Fernão Pires para que a partir de hoje, e enquanto a carne julgue conveniente, seja permitida a entrada, pelas barreiras da cidade, de carnes de bovino adulto e adolescente, sujeitando-se à inspecção dos postos sanitários e ao pagamento das taxas em vigor.

Apresentou ainda a seguinte proposta, que foi também aprovada:

«Propõem que por espaço de

CININA

TINTA DE ÁGUA
FABRICO DA COMPANHIA
INDUSTRIAL DO NORTE

Agente de vendas:
Dias & Pinto Lope, L.^{da}
75, R. Passos Manuel-Pôrto

A venda em Lisboa:
João Nunes dos Santos
R. do Mundo, 106

Leia para seu interesse

sobretudo, vestidos e casacos diretamente ao público por preços barafissimos, sem recio de concorrência. Antes de fazerem as suas compras, consultem os preços nos depósitos. Donas, e ser-lhes-há garantida uma diferença de 30 a 60 % mais barato que noutras casas. Uma experiência nada custa. 1000 pádrões de diferentes estados de 15 para 25

Depósitos de vendas a retalho:
Em LISBOA:
R. dos Banheiros, 187, 2.

R. Fernandes Tomás, 392 A

Pedras para isqueiro

Legítimo metal Auer única privilegiada e acreditada universalmente por ser a que faz melhor faísca e que tem maior duração.

Dúzia 60 centavos

LIMAS As melhores
fios a

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS
para com as melhores inglesas.

os da
a América
. Prata
STO CIVIL, 6, 1.º
(tendente)
1890, 11

**Aos Funileiros
e soldadores**
SOLDA de estanho, muito fina.

para maçarico, estanho e chumbo.
Tôdas as soldas são de máxima
fiança a preços reduzidos.

METAL ANTI-FRICÇÃO
- das melhores marcas

CARLOS A. SANTOS
80, Rua de Açoal, 80 - L. 1.

e me verdes beijar, êsse é o n

z, replicou o oficial, não nos h

antes do pôr do sol êsse sedic

vida aos seus crimes... Avia

1. Alguns dos seus discip

...nossa chegada. Sejamos prontos para não cairmos em alguma emboscada quando estivermos a ponto de sair, por que ele pode empregar coisas tão insidiosas e diabólicas... Se lhes disserem que não há nada de errado, acrescentou o oficial dirigindo-se ao capitão, não é porque eu não quero acreditar que eles estejam

... não pareceram muito animados... oficial, e afrouxaram a marcha, de alguma emboscada. ... teve esta circunstância, e chegou perto da torrente de Cé... descobriu um outeiro plantado de

cercado de sombra, mal se deu conta da noite. Prestou o ouvido; mais uma vez o silêncio momentaneamente se repercutia ao longe, e os soldados, que se aproximavam, não tinham mais um momento esperanças, e o jovem mestre de Nazaré, por fim, não pôde mais resistir.

...a escuridão, quando tropeçou
...o pé de uma oliveira. Não
...susto, ao mesmo tempo que
...nha tropeçado, se levantava e
...dô-me! mas desta vez ainda
...o, que se apoderava de mim.

do de Jesus! exclamou a escrava
 "Ele aqui?"
 "Do-se áquele homem:
 um discipulo de Jesus, salve

